TERRA DE LOBOS

ROBERTO DE SOUSA CAUSO*

Ao Prof. João Luiz Lafetá (1946-1996)

The boy didnt know if he understood or not. The old man went on to say that the hunter was a different thing than men supposed. He said that men believe the blood of the slain to be of no consequence but that the wolf knows better. He said that the wolf is a being of great order and that it knows what men do not: that there is no order in the world save that which death has put there. Finally he said that men drink the blood of God yet they do not understand the seriousness of what they do. He said that men wish to be serious but they do not understand how to be so. Between their acts and their ceremonies lies the world and in this world the storms blow and the trees twist in the wind and all the animals that God has made go to and fro yet this world men do not see. They see the acts of their own hands or they see that which they name and call out to one another but the world between is invisible to them.

(Cormac McCarthy, *The Crossing*)

* Autor de "Capacetes azuis, verdes e amarelos", in *Tríplice Universo* (Antologia), São Paulo, Edições GRD, 1993, e "O mar da dança do sol", in *Dissonauria tropicalia* (Antologia), São Paulo, Edições GRD, 1995.

O lobo preto estava em pé na colina à beira da estrada. Nevava, e os flocos planando até o chão giravam em torno do animal — alguns aprisionados em seu pêlo eram jóias brilhantes sobre um veludo negro-azulado. Seus olhos, em oposição, eram amarelos como uma chama solar congelada em âmbar.

MAGMA n. 4, p. 103-110, 1997

hábitat. Embora a curiosidade do animal tenha se antecipado à de Orlando, que o vira fitando-o nos olhos, acompanhando sua luta para ajustar as correntes nos pneus do carro. Alugara um Subaru Impreza 4x4 para enfrentar as estradas secundárias que levavam à casa de Miss Galvin, nas vizinhanças do parque nacional e perto da cidade de Waynesville. Escolhera o 4x4 prevendo dificuldades, e de fato o automóvel não o desapontara.

June Galvin e sua companheira Diane Segell retornaram da cozinha com os pratos de entrada para o jantar. Orlando sentia sempre uma agitação interior, diante do casal de lésbicas, mas esforçava-se para que nada transparecesse.

Conhecera June pessoalmente no congresso de literatura inglesa e norte-americana em Raleigh. Antes já se comunicava com ela por cartas e *e-mail*. Ambos trabalhavam na mesma área — aproveitamentos de folclores americanos em obras de fantasia. Um campo novo, no Brasil — para não dizer inexistente. Orlando já tinha uma carreira sólida como pesquisador e tradutor de literatura de língua inglesa, com algumas edições críticas importantes, mas, aos sessenta anos, vira o momento de buscar um pouco de variedade, de dedicar-se a um assunto que o encantava mais. Os colegas encaravam a mudança com estranheza. Talvez fosse tarde para iniciar uma nova especialização, mas a abordagem acadêmica era apenas uma desculpa para dedicar-se a algo que lhe era antes de mais nada um objeto lúdico.

— Depois do jantar vou lhe mostrar alguns livros sobre lobos, se lhe interessam tanto — June disse.

— Se você tem livros sobre lobos, significa que também se interessa por eles — Orlando comentou, entre garfadas.

Muita carne, na refeição.

— Um paladar diferente — comentou. — O que é?

— Veado. Temos licença para caçá-los, nesta época do ano. A carne é ótima.

— Não está tirando a comida dos lobos?

— Não! — Ela sorriu. — Há veados para todos, até para os leões da montanha.

— Então, os lobos entram na sua pesquisa?

— Sim. — June pousou os talheres e limpou a boca com o guardanapo. — O lobo é um elemento clássico em muitos contos dos nativo-americanos. Sem falar em todos os empregos da ficção de gênero, que eu pessoalmente deploro.

— Orlando, ao contrário, aprecia muito histórias de horror e fantasia — interveio Lídia, olhando de soslaio para o marido, antecipando alguma reação negativa. Ela própria achava que ele não devia perder seu tempo com esse tipo de "subliteratura".

— Oh — ele disse — , June sabe muito bem disso, por nossa correspondência.

A anfitriã riu. Sua companheira Diane solidarizou-se, rindo também. Apenas Lídia continuou sem entender. June notou, e dirigiu-se a ela.

— Estou apenas provocando seu marido, minha cara. Simplesmente a área de ficção de gênero não é o meu campo de interesse maior.

June levantou-se, seguida por Diane. Aos olhos de Orlando, a mulher mais jovem parecia um tanto submissa diante de June. Por sua vez, a professora

parecia exercer o papel "masculino" do casal, se é que ele poderia pensar nesses termos.

— Vou apanhar a sobremesa, June — disse a mulher mais jovem.

— E eu, os livros.

* * *

— Sem dúvida, o animal que eu vi assemelha-se muito mais a um lobo cinzento, que ao vermelho — Orlando concluiu, diante das fotos e ilustrações que apreciava. — Sem sombra de dúvida.

— Isso é notável. Nunca soube desses lobos aqui por perto das Montanhas Great Smoky.

— Sim, a última notícia que tive era de que estavam sendo refixados no Parque de Yellowstone...

— Longe o bastante daqui. Estive lá, você sabe. — June empilhou os livros. — Pesquisando o modo como os fazendeiros locais pensam os lobos, em oposição ao modo nativo-americano, que os vê como animais sagrados, exemplos de caçadores supremos.

— Para os fazendeiros, os lobos devem ser vistos como competidores...

— Uma praga que deve ser destruída.

— Nada mais errôneo — disse Orlando, pensativo. — Nada mais errôneo.

Os olhos de June brilharam por um instante, em muda concordância.

— Algumas tribos viam a mulher de modo bem diverso dos ocidentais, também.

Orlando recostou-se, dirigindo um breve olhar para Lídia. Talvez o assunto agora viesse a interessar sua esposa. A conversa sobre os lobos a entediava.

— No Brasil os estudos de feminismo estão bastante atrasados em relação a vocês — ele comentou, voltando-se para June. — Penso que há, da parte do homem brasileiro, reações contra a mulher no mercado de trabalho, e em posições de comando...

— Sim, minha reflexão caminha nesse sentido. Também aqui há essa reação. Como o lobo, a mulher que trabalha, que afirma sua condição ou sua liberdade sexual, representa uma competição que o homem mediano não consegue aceitar.

Orlando silenciou por um instante. Estaria a conversa se dirigindo de encontro às preferências sexuais de June e Diane? Não sabia se o debate nessa área lhe seria confortável.

— Não sei se a metáfora é adequada — disse.

June apenas sorriu.

— Qual seria sua reação, Orlando, se estivesse indefeso diante de um lobo crescido e selvagem? Talvez desejasse apenas destruí-lo e voltar para a segurança do mundo que você conhece.

O que responder? Esquecendo a questão sexual subjacente à pergunta, concentrou-se na imagem do animal. Tentou relembrar o que vira nos olhos do lobo, naquele breve instante. Olhos amarelos encimando o focinho longo. Havia

uma calma atemporal, eterna, naqueles olhos. Olhos que teriam visto o mundo formar-se e desfazer-se em sangue, olhos para os quais a morte não era, em absoluto, estranha ou incompreensível ou inaceitável.

Aos sessenta anos, Orlando Lages já mirava a morte que se aproximava adiante, na distância de uma década ou duas ou três. Já vira companheiros e familiares irem-se, ao longo do trajeto, vidas transformadas em restos de memórias. Como os olhos do lobo, a morte era algo para se aceitar como um terror tranqüilo à espreita, um brilho dourado em olhos animais, e a vida como pegadas na neve, com novos flocos descendo prontos para apagá-las para sempre. Não sabia se seria capaz de aceitá-lo, dessa maneira. Se pudesse destruir esse terror, não importando o preço, talvez o fizesse.

Não sei — respondeu. — Talvez.

* * *

Deitado na cama ao lado de Lídia, no quarto de hóspedes, Orlando não conseguia adormecer. A mulher ressonava, em sono profundo, mas a mente do homem estava repleta de imagens inquietas. Desobstruída de *inputs* sensoriais, divagava selvagemente, sem disciplina. Apenas o pensamento ativado pelo silêncio, dançando ao sabor das sinapses — mas sempre em torno da visão do lobo negro, e das palavras de June Galvin.

Algumas lendas e histórias falavam dos homens que homenageavam a vida animal que tomavam para sua sobrevivência — culturas que reverenciavam as criaturas caçadas, como um pedido de desculpas e um rito de aceitação da ordem selvagem do mundo. Para que alguns vivam, outros devem morrer. Bisões nas paredes das cavernas. Totens altos como árvores. A pele do lobo nos ombros do xamã. Outras histórias falavam de como as presas, ao serem apanhadas por predadores ou caçadores humanos, desligavam-se suavemente da vida, como se resignadas em seu papel de caça.

Era uma bela imagem, mas talvez o oposto da verdade. O ser humano minimiza ou tenta justificar a morte e a dor. No Gênesis, as dores naturais do parto eram vistas como castigo, dirigido a todas as mulheres, pela sedução de Eva a Adão. Talvez dor e morte não tivessem significado. Assim como a vida.

De qualquer modo, o que o lobo simbolizava? O caçador, o matador, o final de todas as coisas na forma de um olhar imobilizador e atemporal. "Qual seria sua reação, se estivesse diante de um lobo crescido?"

Qual a sua reação, diante da morte?

"Não sei."

De qualquer modo, não era com esse tipo de indagação que esperava defrontar-se, ao aceitar o convite de June para visitar seu reduto ermo, nos bosques da Carolina. Discussões acadêmicas sobre os folclores dos índios norte-americanos e brasileiros e a forma como a literatura se apropriava deles e os empregava, certamente — mas nunca uma reflexão sobre resignação e morte.

Nevava, agora. Os flocos desciam em véus espiralantes até o chão, mal iluminados pelas poucas luzes que escapavam da casa, passando como pálidas manchas azuladas diante da janela do quarto de hóspedes. A imagem era ninante, sedutora. Orlando sentou-se devagar na cama, sem acordar Lídia, para olhar melhor pela janela.

Viu as pegadas do lobo.

Economizando movimentos, evitando barulhos que despertassem sua mulher, levantou-se da cama e apanhou seus sapatos e o casaco.

Do lado de fora do quarto, vestiu o casaco por sobre o pijama e calçou os sapatos. Nenhum ruído perturbava a noite. Orlando desceu as escadas.

Só pensou no que estava fazendo quando parou diante da porta da cozinha, a porta dos fundos, de vidro, que dava para fora da casa. Os painéis de vidro acumulavam neve e gelo, mas Orlando podia ainda ver através deles os campos de neve se estendendo até um bosque selvagem. Encostou o rosto no vidro gelado. Tinha a impressão de que as pegadas de lobo se conduziam da casa para o bosque — estranho. Mais que qualquer outra coisa — de todas as justificativas indefinidas que lhe cruzaram a mente — foi isso o que fez Orlando decidir por continuar. Por que as pegadas iam do mundo humano para o mundo selvagem?

Antes de abrir a porta e sair, dirigiu um último olhar para a cozinha, notando um aparo de facas sobre a longa pia de mármore. Caminhou até lá e escolheu uma faca larga e comprida, de lâmina forte, serrilhada. Não estranhou que June Garvil possuísse uma faca como essa, se ela e Diane tinham de destrinçar os veados que caçavam.

As pegadas realmente pareciam começar ali mesmo, um passo distante do estreito degrau da porta. Orlando seguiu-as, rumando para o bosque.

A meio caminho, o lobo surgiu de entre as árvores, para recebê-lo.

Orlando deteve-se, mantendo a faca firme na mão direita. O frio o atingia agora, fazendo doer os dedos no cabo da faca.

Era o mesmo lobo que vira um dia antes. A mesma mancha branca no peito negro-azulado. Ele caminhou com passos seguros até estar a dois metros de Orlando. Olhou-o direto nos olhos.

Orlando sentiu um doloroso desfalecimento de medo, mas por alguma força interior conseguiu manter-se em pé. No entanto era como se seu espírito estivesse fora de fase com relação ao corpo — sentiu-se um observador sentado nos ombros de Orlando Lajes, um homem imóvel diante da morte, que agora rosnava para ele, exibindo caninos brancos montados em gengivas escuras.

O lobo rosnou. Orlando não se moveu.

O animal então fechou as mandíbulas, e seus olhos derivaram do homem. Piscou, pateou e, lentamente, dobrou as pernas traseiras e sentou-se na neve.

Orlando não soube o que pensar. O lobo agora deitava-se diante dele, a dois passos de distância, encostando a cabeça na neve, as orelhas baixas. Talvez estivesse doente. Ferido ou exausto. Faminto ou moribundo. Talvez não houvesse veados para todos, afinal. Talvez o lobo, desesperado de fome, vagasse em busca do lixo dos homens, como os coiotes ou os raccons.

Mas ainda um lobo. Orlando pensou na faca em sua mão. Poderia matá-lo, acabar com aquele pânico de olhos amarelos, mandíbulas e presas brancas. A neve caía ainda, flocos pousando lentos sobre seus ombros, sobre o pêlo negro do lobo, sobre as pegadas de ambos. Podia afastar a morte um instante, matar o monstro.

O lobo piscou, fechou os olhos, manteve-os fechados.

O melhor momento... Orlando experimentou o volume do cabo da faca em seu punho. Era isso o que queria? Que escolhas se manifestavam a ele, e por quê?

O lobo deitou-se de lado, ainda sem abrir os olhos, oferecendo-lhe o flanco desguarnecido. Orlando olhou e viu que de fato era um macho — um lobo entregue aos seus pés.

Sem saber quais eram suas escolhas, decidiu-se.

Ajoelhando-se lentamente, fincou a lâmina na neve e estendeu a mão enregelada, agora livre, para o pescoço peludo do animal. O toque pareceu-lhe agudo, intenso, e sua palma, pulso e braço reagiram a ele com um choque tátil de espanto. O pêlo frio, macio e molhado escondia o calor e a força dos músculos e o vibrar do poder que portavam e o peito que subia e descia com o respirar e as costelas que guardavam seu coração, e em todo o tempo uma parte de Orlando esperava que a fera explodisse em uma fúria de mandíbulas e dentes que terminariam com sua vida em segundos.

Ao invés, o calor do toque cresceu como uma febre e os músculos do lobo tornaram-se mais macios e o pêlo mais suave rareou sob seus dedos e o corpo escuro empalideceu diante de seus olhos e o que fora o lobo negro caído diante dele transformou-se no corpo muito branco e louro e trêmulo de June Galvin.

Orlando despiu-se do casaco e deitou-o sobre a mulher.

June abriu os olhos para ele.

— O que aconteceu?

— Você não se lembra?

— Não...

— O lobo.

Ela fez que sim com a cabeça, cansada, mas como se compreendesse.

— Aprendeu isso com os índios?

Outra vez, ela fez que sim.

— Com o último dos xamãs que conhecia o segredo.

— Mas por quê?

— Como lobo... posso viver um... mundo diferente...

— Pode ser um macho, mesmo que seja um macho de outra espécie.

— Sim. Mas não apenas. Posso ser selvagem, e viver em um mundo sem a interferência dos homens, sem as suas leis e preconceitos...

Orlando nada respondeu.

— Mas não guardo lembranças de meus momentos como lobo — June continuou. — É tudo um sonho borrado. A transformação não é completa, meu controle não é total...

Ela fez uma pausa, para recuperar o fôlego. Estava exausta. Orlando inclinou-se um pouco mais sobre ela, e tentou fazê-la sentar-se. Abraçou a mulher, fechando melhor a capa em torno dela.

— De nada vale, se não me lembro. — June então encarou Orlando nos olhos. Era como se fosse a primeira vez que o via. Sorriu debilmente. — Então você duvidou do valor da metáfora. O lobo e a mulher são o mesmo. A metamorfose permite que uma mulher como eu possa ser tudo o que lhe é privado pelo

mundo dos homens... Posso ser um macho, posso ser um predador, e não mais uma vítima. Não podem tocar-me.

Orlando levantou-se com esforço, os membros gelados, e puxou June até pô-la em pé.

— É só uma metáfora — disse-lhe. — Vi aquilo que sua memória não pode guardar, June, e o lobo é mais que isso.

— O quê? O que quer dizer?

Mas Orlando já lhe dera as costas e caminhava para a casa, deixando a mulher e a faca enterrada na neve.

Não sabia se passara no teste, ou qual teste fora. Nem sabia como entender o que seus olhos viram, mas estava certo apenas que, se June Galvin acreditava-se intocável, ela também não podia tocar a essência do que lhe acontecia. Orlando por um instante pensara tê-la tocado, e o que sentira estava longe, tão longe do que June pensava. O lobo e a mulher não eram o mesmo. Nem o lobo e o homem seriam o mesmo. O lobo era outra coisa, outra força, outra essência. Mais antiga que os problemas humanos. Mais velha que o conhecimento do último xamã que conhecia o segredo, e não era substituto algum para os problemas humanos. Nenhum refúgio. E se Orlando Lajes tocara a essência do lobo de algum modo, essa essência não podia ser articulada em palavras e idéias.

Orlando entrou, subiu as escadas, tirou os sapatos e meteu-se na cama. Demoraria a dormir, sabia, mas desta vez sua mente assentara-se, sem ansiedades ou medo.

Lídia acordou ao seu lado.

— Você está gelado, homem — exclamou.

Orlando riu.